

A abordagem etnográfica das práticas lúdicas: uma contribuição à pesquisa com crianças

*Maria de Fátima Vasconcelos da Costa
Francisca Josélia Inocêncio de Lima*

A propósito da infância

A infância como produto da modernidade representou um crescente movimento de institucionalização da vida das crianças, traduzido na criação de saber e se na organização de instituições públicas especificamente voltadas para elas, tais como a escola, o que implicou na reorganização da função da família. Em suma, essa mudança, ao conceder uma posição de destaque à criança, também a confinou a espaços sociais restritos. Mas, na pós-modernidade, quando a racionalidade moderna entra em crise, ocorre um movimento inverso, de ampliação do circuito social da infância e de sua promoção à categoria de ator social, tanto do ponto de vista jurídico como econômico, e o agenciamento midiático tem intensificado a administração social da infância, distanciando-a do controle parental e escolar (SARMENTO, 2008, 2004; COSTA, 2012).

Neste cenário, merece destaque o avanço do mercado de serviços e produtos lúdicos, em especial os eletrônicos, o que, entre outras particularidades, circunscreve uma cultura de pares, que pode ser entendida como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham em interação com pares” (CORSARO, 2009 p. 23).

O brincar, segundo a socioantropologia do jogo (BROUGÈRE, 2004), é uma prática cultural que comporta, ao mesmo tempo, um processo de apropriação, na medida em que quem, com o que, quando, onde se brinca é algo regulado socialmente, e de produção, uma vez que no brincar ela se renova constantemente pela atividade dos brincantes em função da diversidade de contextos culturais onde as crianças estão inseridas e do próprio desenvolvimento da cultura em geral. O autor afirma que existe a *cultura lúdica* que se alimenta da cultura

geral, nutrindo assim o repertório de brincadeiras infantis, por exemplo, através da televisão e dos conteúdos que ela oferece.

Essa cultura lúdica é dinâmica e se constitui de um repertório diversificado de brincadeiras tradicionais, individuais, universais e geracionais e de costumes lúdicos.

Para Costa (2012), o brincar configura-se como prática discursiva constitutiva da infância, por meio da qual a criança dá sentido ao vivido, representando, por isso, uma solução de compromisso entre o mundo adulto e o infantil. Brincar é, assim, construir representações simbólicas através de códigos comunicacionais compartilhados, com os adultos, que criam suportes para as brincadeiras, e entre as crianças, que os ressignificam para traduzir, compreender e dividir suas vivências.

A rica diversidade de materiais, características e funcionalidade dos brinquedos atestam a natureza cultural dos artefatos lúdicos, assim como as variações nos modos de brincar em diferentes temporalidades e espacialidades. Nesse sentido, os brinquedos traduzem, em sua materialidade, entre outras significações, signos de diferenciações étnicas e de gênero que são apropriados/manipulados na atividade lúdica.

Portanto, qualquer abordagem da infância requer a consideração do modo como reciprocamente se constitui a relação adulto/criança e da capacidade de agenciamento infantil. Isso é especialmente crucial quando se trata de pesquisa etnográfica com crianças.

1. Infância e alteridade ou a etnografia nas pesquisas com crianças

Este artigo, portanto, pretende fazer uma discussão sobre a utilização das práticas lúdicas como recurso metodológico na pesquisa com crianças, de modo que nos propusemos a pensar sobre o lugar das práticas lúdicas na pesquisa etnográfica com crianças.

O pesquisador em geral é um adulto, cujo interesse é dar inteligibilidade à conduta infantil. Os refinados instrumentos teóricos podem licenciá-lo para a análise das observações, mas o trabalho no campo exige um laborioso exercício alteritário. A relação de poder e os códigos comunicacionais estabelecem fronteiras que só um pesquisador sensível está apto a ultrapassar. Conforme ressalta Corsaro (2005), não é con-

sensual, entre muitos pesquisadores, a forma mais produtiva de estabelecer o grau de aproximação ao campo nos estudos com crianças, um desafio à necessidade de aliar inserção e rigor, conforme citação abaixo:

Ao passo que alguns etnógrafos de crianças (Mandell, 1988) afirmam que uma aceitação completa (dos pesquisadores pelas crianças) é possível e uma participação plena (dos pesquisadores nos universos das crianças) é desejável, outros sustentam que certas diferenças entre adultos e crianças (especialmente o tamanho físico) podem não ser plenamente superadas e, portanto, aconselham alguma forma de participação limitada ou periférica (Corsaro, 1985; Fine & Sandstrom, 1988). Outros ainda alegam que estudar os próprios filhos, ser pai ou mãe pesquisador (Adler & Adler, 1998), permite evitar muitos problemas e superar a necessidade de formar o que chamam de uma “relação criada pelo pesquisador e, logo, um tanto artificial”. Contudo, para mim, a estratégia dos pais pesquisadores acarreta muitos conflitos de papel que excedem em muito sua utilidade prática (CORSAIRO, 2005, p.1).

Para o autor, a entrada no campo é crucial para a etnografia, uma vez que esta tem pretensões de apreender uma dada realidade social do ponto de vista daqueles que a vivem. Por esta razão, essa é uma abordagem metodológica de pesquisa promissora para o estudo da infância, considerando os diferenciados modos de pensar, sentir e agir das crianças em relação ao adulto. Do mesmo modo, a observação das práticas lúdicas é um recurso metodológico privilegiado para acessar o mundo infantil, por ser uma prática cultural constitutiva da infância, que representa uma solução de compromisso entre o mundo adulto e o infantil.

Nessa perspectiva, consideramos que as pesquisas na área da infância demandam atenção a essas especificidades e adequações metodológicas por parte do pesquisador no campo. Os estudos culturais, em especial a abordagem do pós-colonialismo, chamam a atenção para o papel do pesquisador não só na interpretação, mas também na produção dos dados da pesquisa, dada a assimetria da relação pesquisador/pesquisado. Sendo assim, a bem intencionada necessidade de dar voz aos sujeitos não elimina o problema porque entre adultos e crianças não há reversibilidade na relação de poder. Por isso, é a partir do reconhecimento recíproco das diferenças e da tematização ou problematização dessa diferença que a relação alteritária pode se estabe-

lecer (WULF, 2003). É preciso um licenciamento da criança à entrada do pesquisador no campo, o que implica em negociar posições e admitir que o dizer é sempre a expressão de uma multiplicidade de vozes que disputam o sentido dos enunciados (BAKHTIN, 1995).

A constituição do campo de estudo específico da Sociologia da Infância vem contribuindo, nos últimos anos, para a realização de pesquisas com crianças. Esse campo vem buscando, em seus estudos, apreender os modos como as crianças interagem e significam o mundo através de suas experiências. A utilização de desenhos e de entrevistas em grupos são estratégias bastante utilizadas nos estudos sobre a criança.

No entanto, ao considerarmos a heterogeneidade da categoria infância, no sentido de que ela é marcada pelo recorte de classe, raça, gênero, idade (SARMENTO, 2008), compreendemos que a utilização das práticas lúdicas como recurso metodológico possibilita ao pesquisador acessar os diferentes sentidos que as crianças dão às experiências sociais relativas ao universo de referência ao qual estão inseridas.

Temos adotado tais premissas em nossas pesquisas com o objetivo de estabelecer o espaço mediacional de interlocução dos adultos com as crianças. Com tais premissas de base, realizamos, no âmbito do grupo LUDICE (Ludicidade, Discurso e Identidades nas Práticas Educativas), várias pesquisas. A primeira, um trabalho de tese sobre *Jogo simbólico, discurso e escola: uma leitura dialógica do lúdico* (COSTA, 2012), da qual derivou outro trabalho de tesedominado *Sentidos do lúdico na educação infantil: dos dispositivos institucionais aos modos de fazer* (PINTO, G.T.A., 2009), *Cultura lúdica, identidades e educação da criança* (COSTA, 2007)⁴ da qual derivou os trabalhos de mestrado: *Identidade étnicoracial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas* (CABRAL, 2007), *A criança e os artefatos lúdicos: um estudo de caso etnográfico da cultura lúdica da rua* (LIMA, 2011) e o trabalho de tese, *Ancestralidade e culturas da infância: identidades étnico-raciais em jogo na escola* (ROCHA, 2014), entre outras.

Neste artigo, discutiremos as pesquisas de Costa e Lima, acima referidas. A primeira tratou da construção de referências etnoraciais entre crianças de uma escola de educação infantil, portanto o estudo

foi realizado num contexto institucional, enquanto a segunda teve por interesse o impacto sobre a cultura lúdica infantil da oferta de artefatos lúdicos industriais e artesanais, tal como observado no contexto informal da rua. A observação participante das condutas lúdicas espontâneas foi o procedimento que possibilitou o acesso ao imaginário infantil, enriquecida pela utilização de um *kit* lúdico que contemplou variações étnicas, de gênero e de modos de produção (piões artesanais e industriais), possibilitando a compreensão de importantes aspectos da conduta infantil a partir da análise das videograções.

Segundo Costa (2007), os brinquedos são mais que um suporte da brincadeira, eles são produtos de natureza discursiva, endereçados às crianças para sua manipulação e interpretação.

2. O brincar no contexto escolar e na rua: uma estratégia metodológica de acesso ao modo de dizer infantil

A etnografia no contexto escolar foi realizada com crianças de educação infantil de duas escolas: uma pública e outra privada. Essa pesquisa, intitulada: *Cultura lúdica, identidades e educação da criança*, teve por problemática central a compreensão dos processos de construção das referências identitárias étnicas e de gênero sob a mediação das práticas lúdicas.

As observações aconteceram no momento dedicado às atividades livres na sala de aula. Para oferecer oportunidades de manifestações em relação aos temas de estudo, foi sendo elaborado um *kit lúdico*, contendo brinquedos diversificados quanto ao gênero e etnia à medida que as crianças demandavam ou recusavam alguns brinquedos vistos como inadequados quanto ao gênero, como o carro de cor rosa e as bonecas. Esse recurso metodológico permitiu disponibilizar uma oferta variada de representações quanto ao gênero e etnia que em geral não faz parte da oferta de brinquedos presentes na escola.

No contexto lúdico da escola, apareceram brincadeiras com temáticas semelhantes, tanto na escola privada como na pública, como a brincadeira de médico, por exemplo. Porém, as crianças de ambas as instituições elaboraram a situação lúdica de acordo com as vivências do seu grupo social de referência (marcação de consulta no posto x

marcação por telefone, médico do posto de saúde \times médico que atende o paciente em casa).

O modo de interação das crianças com esses artefatos mostrou que elas muito cedo constroem sutis diferenciações identitárias quanto ao gênero e etnia, a partir do que manifestam reações indicativas de desvalorização dos traços étnicos negros e de regulações sociais no que se refere às condutas femininas e masculinas socialmente esperadas. Desse modo, tendo em conta as ideias de base da teoria bakhtiniana, as interações lúdicas são “lidas” como um discurso sobre a temática a que elas fazem referência (COSTA, 2012).

A temática de gênero, embora não fosse visada na delimitação do objeto de pesquisa, foi se delineando no diálogo com o campo, na medida em que os meninos contestavam a ausência de brinquedos direcionados ao universo masculino, posto que no Kit, inicialmente, havia poucos brinquedos comercialmente destinados a esse público. A resistência em manipular brinquedos ou participar de brincadeiras consideradas do outro gênero foi maior entre meninos que entre meninas.

Curiosamente, ao longo da pesquisa, a dicotomia dos papéis de gênero, presente no início, foi sendo relativizada pelas crianças, de modo que houve uma aproximação dos meninos às brincadeiras das meninas no papel de participantes das tarefas domésticas, tais como, pais cuidadores e cozinheiros.

Já no que se refere à etnia, as crianças de ambas as instituições demonstraram rejeição à boneca mais escura, muitas vezes, invisibilizada no *kit*. Algumas vezes, as crianças desvalorizaram esteticamente a boneca e expressaram verbalmente que não queriam brincar com ela, afirmando que ela era negra e feia. “A posição enunciativa desses sujeitos guarda estreita relação com o aprendizado de valores que favorecem a construção de relações excludentes, que a condição ficcional da atividade lúdica favoreceu a expressão” (COSTA, 2007, p. 46).

A segunda pesquisa, um estudo etnográfico realizado na rua Cel. Fabriciano, periferia de Fortaleza, teve por propósito responder a seguinte questão: “Como o contexto da rua e a natureza dos artefatos lúdicos contribuem para a diferenciação dos modos de brincar?”

Diferentemente do contexto escolar, no qual o pesquisador é, no primeiro momento, licenciado pela escola, espaço institucional compartilhado com os sujeitos (alunos), na rua ele não dispunha de nenhum resguardo institucional desse tipo, uma vez que os sujeitos eram crianças de diferentes idades e adultos residentes na mesma.

Nessa condição, a “autorização” foi constantemente negociada, posto que a rua configura-se como um *locus* de grande instabilidade para a pesquisa, com um fluxo variado de sujeitos, de horários e de atividades, não havendo nem sempre a presença de um adulto responsável pelas crianças. A aproximação ao campo foi viabilizada pelo interesse do pesquisador nas práticas lúdicas aí desenvolvidas, o que contribuiu para superar a desconfiança mútua. Acontecendo em momentos de descontração, com grande margem de liberdade de ação, os brincantes toleram e/ou acolhem a presença de curiosos, imagem inicial que se podia fazer do pesquisador. A presença deste último é que obedeceu a uma sistematização e regularidade, o que atraiu a atenção não só das crianças, mas também de outros adultos. Alguns preocupados com a segurança das crianças e outros interessados em participar da própria brincadeira ou adotando, com isso, uma forma de vigilância.

As brincadeiras se configuraram de forma espontânea entre as crianças, sendo possível perceber o desenvolvimento da *expertise*, as habilidades cognitivas, motoras e sociais requeridas, as formas de transmissão, as diferenciações de gênero, a relação com o universo lúdico globalizado e a contribuição da criança para a produção da cultura lúdica (LIMA, 2010). Sobre esse último aspecto, a etnografia na rua, mostrou-se particularmente rica. Entre os artefatos usados nas brincadeiras, foi encontrada uma *beyblade* artesanal, construída pelas próprias crianças a partir de material reciclado quando essa brincadeira entrou no calendário lúdico da rua. O interesse por esse material levou as crianças a doar o objeto ao pesquisador, que, por sua vez, também doou vários exemplares de piões às crianças. A condição de aprendiz, estabelecida através do interesse do pesquisador pelo jogo de pião, favoreceu a constituição de um vínculo entre os participantes da interação. Desse modo, a prática lúdica constituiu-se como elemento central de ligação entre adulto e crianças na abordagem etnográfica da rua.

A interação das crianças com os variados artefatos mostrou que diferentes lógicas de produção dos piões, tradicionais e industriais, implicam diferenças nos modos de brincar com esses artefatos. Em relação ao pião tradicional, observou-se que o jogador precisa desenvolver diferentes habilidades no manejo do pião: saber enrolá-lo para que a corda não fique frouxa e assim inviabilize o lançamento, saber segurá-lo, saber lançá-lo, saber apará-lo com a mão, etc. Assim, é necessário um persistente treinamento por parte dos jogadores, que é sempre realizado durante a microtemporalidade do pião, período do calendário de brincadeiras tradicionais.

Já no que se refere ao pião industrial, o manejo desse artefato mostrou-se menos complexo, muitas vezes era preciso apenas apertar um botão, puxar uma cordinha ou friccioná-lo com o movimento de dois dedos. Devido à facilidade no manejo, este era o pião preferido pelas crianças menores, ao contrário do pião tradicional, que, por exigir uma *expertise*, era o preferido das crianças maiores.

Quanto às meninas, embora brincassem com os piões tradicionais, o faziam individualmente, não demonstrando a mesma *expertise* dos meninos, que sempre praticavam suas habilidades em grupo, em regime de competição. Além disso, seu tempo livre era menor do que o dos meninos, dado que também se ocupavam do cuidado das crianças menores, configurando, assim, um recorte de gênero no que se refere às práticas lúdicas, mais acentuado do que aquele observado na escola.

Considerações finais

As brincadeiras na rua apresentam sazonalidade, por exemplo, no Ceará, onde aconteceu a pesquisa, as brincadeiras de pipa são frequentes nos meses de julho e agosto, favorecidas pelos ventos fortes do período.

A interlocução com o campo na pesquisa com crianças exige que o pesquisador reflita sobre as intervenções metodológicas necessárias ao fazer etnográfico. Nos dois casos apresentados, a análise dos resultados sugere que os artefatos lúdicos têm caráter performativo, ou seja, discursivamente posicionam os sujeitos frente à diversidade cultural e é com isso que as crianças, muito cedo, dialogam a partir de suas experiências particulares.

As práticas lúdicas como recurso metodológico para o acesso ao imaginário infantil mostraram ser uma abordagem produtiva na pesquisa com crianças, na medida em que favoreceram a expressão não só dos conteúdos como dos modos de significação próprios das crianças, além de fornecerem uma chave de acesso ao mundo infantil e ampliar o foco do observado. Foi o caso da emergência da temática de gênero, não visada inicialmente pelas referidas pesquisas, mas que apontou pistas para o aprofundamento do tema pesquisado.

Referências

- BAKHTIN, M. (Voloshinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BROUGÈRE, G.. **Brinquedo e Cultura**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção questões da nossa época) v. 43.
- _____. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. **M. O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- CABRAL, M. A. **Identidade étnico-racial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas**. Dissertação de Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, CNPq, 2007.
- CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas In: **DOSSIÊ Sociologia da Infância: pesquisa com crianças, Educação e Sociedade**, v. 26 n. 91, Campinas: CEDES, 2005.
- _____. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F. & CARVALHO, A. M. A. (Orgs.) **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.
- COSTA, M. de F. V. **Brincar e escola: o que as crianças têm a dizer?** Fortaleza: Edições UFC, 2012 (Coleção de Estudos da Pós-Graduação).
- _____. Identidade étnico-racial nas artes de brincar. In: COSTA, M. de F. V.; COLAÇO, V. de F.; COSTA, N. B. **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza: Editora UFC, 2007.

LIMA, F. J. I & COSTA, M. de F. V.; Cultura lúdica no contexto da rua: um estudo de caso etnográfico do jogo de pião. In: COSTA, M. de F. V.; ATEM, E. (Orgs.). **Alteridade: o outro como problema**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2011.

PINTO, G. A. T. **Os diversos sentidos do lúdico na educação infantil: dos dispositivos institucionais aos modos de fazer**. Tese de Doutorado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. 2009.

ROCHA, N. M. F. D.; COSTA, M. de F. V. Epistemologias do sul e estudos sociais da infância: crianças e ancestralidade africana na escola. In: IV Congresso Internacional em Estudos Culturais – Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonia, 2014, Aveiro. Programa Doutoral em Estudos Culturais. **Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais**, 2014. p. 528-534

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. de. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. CERISARA, A. B.. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas**

da infância e educação. Porto: Edições Aza, 2004, Portugal.

SILVA, T. T.; HALL, S. & WOODWARD, K. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WULF, C. O **Outro** - Perspectivas da Educação intercultural. In: MENDES, C. (org.).

Representação e complexidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 201-216.